

A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

4

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

4

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: política, economia, ciência e cultura 4 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-527-3

DOI 10.22533/at.ed.273200311

1. Educação. 2. Política. 3. Economia. 4. Ciência e Cultura.. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficiente medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angústias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste livro.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa “*Educação: desafios do nosso tempo*” no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido uma “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, os diminutos recursos destinados, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancara o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades.

Nesse ínterim, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, sobretudo aquelas que inter cruzam e implicam ao contexto educacional. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros, como os compõe essa obra.

O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente, nos alerta para uma necessidade de criação de espaços de resistência. É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade, de uma forma geral, das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade.

Portanto, as discussões empreendidas neste volume 04 de “***A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática docente, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam.

Este livro reúne um conjunto de textos, originados de autores de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, ciências

e tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, política, economia, entre outros.

Os autores que constroem essa obra são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO E POLÍTICA: UMA REVISÃO SOBRE PEDAGOGIA DEMOCRÁTICA

Wesley Pinto Hoffmann
Raquel Aparecida Loss
Claudineia Aparecida Queli Geraldi
Sumaya Ferreira Guedes
Juliana Maria de Paula

DOI 10.22533/at.ed.2732003111

CAPÍTULO 2..... 10

ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Isabela Einik
Márcia Adriana Dias Kraemer
Pamela Tais Clein Capelin

DOI 10.22533/at.ed.2732003112

CAPÍTULO 3..... 28

O GESTOR ESCOLAR E A EJA COMO DIREITO: IMPASSES COMO DESAFIOS DA FORMAÇÃO

Maria Angélica de Souza Felinto
Antonio Amorim

DOI 10.22533/at.ed.2732003113

CAPÍTULO 4..... 42

O “HTPC VIRTUAL” COMO REDE COLABORATIVA DE APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE - TRANSPONDO DESAFIOS E CONSTRUINDO APRENDIZAGENS

Lucia Helena Carvalho Gonzalez
Jaqueline Cabral Alves Dornelas
Solange Cabral Alves
Raquel Caparroz Cicconi Ramos
Karen Keller
Ivan de Carvalho
Elisabeth dos Santos Tavares

DOI 10.22533/at.ed.2732003114

CAPÍTULO 5..... 59

“A UNIVERSIDADE SOMOS NÓS”: A GESTÃO DE DELZA GITAÍ, PRIMEIRA REITORA DA UFAL, 1987-1991

Giovanni Torres Apratto Lopes

DOI 10.22533/at.ed.2732003115

CAPÍTULO 6..... 64

PROJETO SOCIAL VIVAVÔLEI MARCELLE/UFLA – 2019: ATUANDO NO

DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO DAS CRIANÇAS DA COMUNIDADE DE LAVRAS/MG

Joice Benedita Silva
Amanda Siqueira de Castro
Camila Mariana de Lima
Gustavo Belarmino da Costa
Vinícius Manoel Cândido Neves
Marcelo de Castro Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.2732003116

CAPÍTULO 7..... 73

HABITUS PROFESSORAL E ALTERIDADE NA TRAJETÓRIA DA PROFESSORA MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Gustavo Henrique Gonçalves Maria

DOI 10.22533/at.ed.2732003117

CAPÍTULO 8..... 83

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAÇÃO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Antônio Carlos Pereira dos Santos Junior
Maria Aparecida da Silva
Maria do Horto Salles Tiellet

DOI 10.22533/at.ed.2732003118

CAPÍTULO 9..... 98

EDUCANDO PARA SAÚDE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO ATRAVÉS DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA

Andréia Farias de Jesus
Cassio Murilo Lima do Carmo
Tatiane dos Santos Moreira

DOI 10.22533/at.ed.2732003119

CAPÍTULO 10..... 102

APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO, OU COMPETÊNCIAS? CURRÍCULOS OFICIAIS EM ANÁLISE (2010 E 2017)

Natália Rubert Wolff Camy
Fabiany de Cássia Tavares Silva

DOI 10.22533/at.ed.27320031110

CAPÍTULO 11..... 114

INICIAÇÃO CIENTÍFICA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TRAJETÓRIAS ESCOLARES

Shirley de Lima Ferreira Arantes
Diego Alves Simão
Petúnia Caroline de Sousa
Bruno Otávio Arantes

DOI 10.22533/at.ed.27320031111

CAPÍTULO 12.....	126
COMO O CÉREBRO APRENDE?	
Beatriz Cassol	
Cristiane Beatriz Dahmer Couto	
Viktória Eduarda Canas de Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.27320031112	
CAPÍTULO 13.....	131
PERTINÊNCIAS DE UM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA E CLÍNICA PSICANALÍTICA: UMA EXPERIÊNCIA	
Sílvio Memento Machado	
DOI 10.22533/at.ed.27320031113	
CAPÍTULO 14.....	142
CURSOS DE SENSIBILIZAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO INOVADOR	
Ana Augusta da Silva Campos	
Maria Fabiana Braz Laurentino	
Jacinta de Fátima Martins Malala	
José Orlando Costa Nunes	
Vagner Miranda de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.27320031114	
CAPÍTULO 15.....	148
NO CAMINO DOS GRADUADOS	
Vivian Aurelia Minnaard	
Guillermina Riba	
Mercedes Zocchi	
DOI 10.22533/at.ed.27320031115	
CAPÍTULO 16.....	155
CRECHE E PRODUÇÕES DE VÍNCULOS COMUNITÁRIOS	
Aida Brandão Leal	
Bruna Ceruti Quintanilha	
DOI 10.22533/at.ed.27320031116	
CAPÍTULO 17.....	171
POR UMA EDUCAÇÃO CRIATIVA: A ESCOLA COMO AMBIENTE FAVORÁVEL À CRIATIVIDADE	
Ulisses Pereira de Carvalho	
Ciro Inácio Marcondes	
DOI 10.22533/at.ed.27320031117	
CAPÍTULO 18.....	181
“A RAINHA DESTRONADA: MÃE PARALÍTICA NO TEATRO DAS URNAS”	
Alisson Santos Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.27320031118	

CAPÍTULO 19.....	194
JOVENS “BALADEIROS” E “ESTUDIOSOS”: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS SOBRE HÁBITOS CULTURAIS E TRAJETÓRIA ESCOLAR	
Marcella da Silva Estevez Pacheco Guedes	
Marcio da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.27320031119	
CAPÍTULO 20.....	209
FORMAÇÃO DOCENTE – REPENSANDO O ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Crisitiane de Almeida Santos	
DOI 10.22533/at.ed.27320031120	
CAPÍTULO 21.....	226
ESCREVER, PARA QUÊ?	
Francisca Edvania Tavares	
Francisca Moreira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.27320031121	
CAPÍTULO 22.....	233
REDAÇÕES NOTA MIL DO ENEM 2017: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA	
Verônica Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.27320031122	
CAPÍTULO 23.....	246
O TESTE CLOZE COMO INSTRUMENTO DE DIAGNÓSTICO EM COMPREENSÃO LEITORA NO NÍVEL MICROTEXTUAL	
Vanessa de Oliveira Silva Ferraz Cabral	
Maria Inez Matoso Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.27320031123	
CAPÍTULO 24.....	258
A POESIA NA SALA DE AULA: POESIA E LIRISMO EM VERA ROMARIZ	
Camila Maria Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.27320031124	
CAPÍTULO 25.....	265
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PRELIMINAR SOBRE O CONCEITO <i>STORYTELLING</i> COMO PARTE DE PESQUISA EM IMPROVISACÃO MUSICAL	
Rafael Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.27320031125	
CAPÍTULO 26.....	276
PERCEPÇÃO E CONHECIMENTO MUSICAL	
Tiago Vidal Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.27320031126	

SOBRE O ORGANIZADOR.....	287
ÍNDICE REMISSIVO.....	288

“A RAINHA DESTRONADA: MÃE PARALÍTICA NO TEATRO DAS URNAS”

Data de aceite: 03/11/2020

Alisson Santos Gonçalves

Universidade Ruy Barbosa Wyden
Salvador-Bahia

Minuta de artigo apresentada pelo discente Alisson Gonçalves, como requisito parcial para a aprovação de artigo científico na Revista acadêmica.

RESUMO: O artigo procura analisar o movimento estudantil desde as décadas de 80 e 90 até a contemporaneidade, tendo como referência comparativa o movimento estudantil nas décadas de 60 e 70. Levanta hipóteses sobre as causas responsáveis pela desarticulação deste movimento nos períodos citados, levando-se em conta as diferenças históricas entre os períodos estudados.

Aponta a partidarização descontrolada do próprio movimento, como sendo uma das principais causas da desarticulação do mesmo, ou seja, a falta de controle, por parte dos estudantes, da influência de partidos políticos que têm controlado o movimento estudantil, estipulando, muitas vezes, as diretrizes a serem seguidas e, causando assim, divergências quanto à forma de se conduzir o movimento, deixando de lado os interesses gerais dos estudantes e assumindo os interesses do partido.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento estudantil, partidos políticos, desarticulação, enfraquecimento.

ABSTRACT: The paper makes an analysis of the student movement on 80's and 90's, having as reference the student movement on 60's and 70's, taking hypothesis about the responsible causes of this movement unarticulation in these years; considering the historical differences among the studied periods. It shows up the uncontrolled political party influences of the movement like one of the principal causes of its unarticulation, or the lack of control of the political party influences, by the students, that have controlled the student movement, stipulating, many times, the directions to be followed and, causing in this way, differences in the form to lead the movement, forgetting the general interests of the students and adopting the party interests.

KEYWORDS: Student movement, political parties, unarticulation.

INTRODUÇÃO

A principal forma de manifestação desses jovens se dava através do movimento estudantil que, apesar de existir desde os anos 30, ganhou força na década de 60, devido ao contexto sócio-econômico e político da época. Inicialmente, os estudantes lutavam pela Reforma Universitária e por mais verbas para a educação. Posteriormente, acabaram se aliando a outros setores da sociedade e se envolvendo com causas políticas mais amplas, como a luta pela derrubada da ditadura militar, implantada no país através de um golpe de Estado a partir

de 1964. Nesse período, além da UNE, ganharam força organizações como a Juventude Universitária Católica (JUC), a Ação Popular (AP), e outras.

Considero que a experiência empírica vivida enquanto presidente de agremiação estudantil, me permitiu identificar a crescente perda de credibilidade do movimento perante a sociedade civil. Os elementos indicativos dessa paulatina deterioração podem ser nitidamente observados no momento que não se observa mais as manifestações de apoios aos protestos de ruas organizados pela classe estudantil por parte deles, bem como a irritabilidade e falta de paciência com os mecanismos que desde outrora já eram costumeiros, a exemplo de parar o trânsito para reivindicar as pautas do movimento. Há um bom tempo, e não diferente de nossa contemporaneidade, a maioria das mobilizações são batizadas de balbúrdia, “falta do que fazer”, entre outros. Se torna impossível a desvinculação da observância acima exposta com a queda de popularidade e apoio civil ao Movimento estudantil.

A importância de revisitar esta ampla temática se dá a medida que a atual conjuntura político-econômica e sociocultural do país tem impelido cada vez mais os movimentos sociais, em especial o estudantil, a voltar às ruas para protestar, com objetivo de chamar a atenção da nação para os perigos de retrocessos sobretudo no campo social, emanados de um projeto ultraconservador, que se apresenta completamente na contramão das aspirações da melhora ou ao menos da manutenção das condições de subsistência dos grupos socioeconomicamente mais fragilizados, bem como das minorias que há muito vem sendo defendida pelos grupos políticos de orientação esquerdista¹.

As contribuições do Movimento Estudantil, sobretudo na Bahia - o qual pertenci e atuei intensamente por considerável fração de tempo, - são inegáveis, entretanto é preciso que internamente o grupo e suas ramificações façam uma extensiva autocrítica acerca de seu legado até aqui, para que abandone o status um tanto estigmatizado de “mãe paraplégica”, pois ele foi e ainda é por excelência o celeiro de vários expoentes da política nacional. E nesse sentido, o Movimento Estudantil ainda é uma porta para o vislumbre de possível carreira política e na gestão pública, sendo assim considerado como escola preparatória para uma gama de gestores e parlamentares que decidem os rumos dessa nação. Nesse ponto, enxergo fabulosa aplicabilidade desse balizamento dentro da dialética hegeliana, possibilitando uma análise mais crua, ao identificar as falhas, abstenções, o comodismo, bem como os equívocos de percurso. Entretanto, reconheço que esse esforço se constitui em tarefa hercúlea e dolorosa, pois não é fácil fazer autocrítica, ainda mais na pungência de não se perder o que se conquistou com muito esforço até os dias atuais.

Depois de muitos anos militando no movimento, muito voltado para a realidade

1. Não se faz objeto desse debate as definições de posicionamento partidário, apenas para situar o caro leitor nas ideologias adotadas pelos grupos acima mencionados.

ilheense no Sul da Bahia, forjado nesse contexto de lutas desde o secundarismo, busquei entender de forma sistemática o que levou a minha evasão, assim como de outros companheiros históricos. Compreendo sob a ótica de Carlo Ginzburg² que mesmo num contexto micro histórico, minha experiência tem validade elucidativa como instrumento de análise de uma estrutura macro. Outro ponto passível de análise, é ainda no escopo do esvaziamento do movimento, tanto no aspecto físico quanto ideologicamente, passando a incorporar quase que apenas as pautas partidárias, em sua maioria de orientação de esquerda, o que se justifica em algum nível pela proximidade e afinidade de reivindicação de ambas as partes.

Este ensaio é parte integrante de um dos capítulos do livro que venho escrevendo, no qual proponho um equilíbrio entre militância dentro do Movimento Estudantil e no campo político-partidário. Identifico que essa imiscibilidade da militância se torna prejudicial quando não é bem avaliada, dosada e calculada, visto que historicamente essa prática consolidou-se e nessa altura dos fatos, e do ponto de vista do materialismo histórico, sua irreversibilidade estaria condicionada a mutação passível de estudo dentro da corrente teórica da História das Mentalidades³, o que não anula sua viabilidade.

Como já mencionado, o próprio movimento não enxerga que está em longa crise, sem buscar promover uma autocrítica efetiva, e nesse ponto reside um sério problema, pois a atual conjuntura de crises e austeridade tem naturalmente exigido a volta dos estudantes às ruas. É preciso apontar que sem uma reflexão profunda, e com a credibilidade abalada, seja por acusação de inércia, seja por equívocos no campo ideológico, o movimento estudantil apresenta visível dificuldade de se colocar com propriedade e lugar de fala, sobretudo para obter atenção da sociedade civil. Portanto, enquanto essas questões intrínsecas não forem repensadas, não vejo uma volta promissora de um movimento organizado que já foi a grande mãe, a precursora de tantos outros que foram sendo criados ao longo dos anos.

Com a extrema direita ultraconservadora chegando ao poder nos dias atuais, fato que há poucos anos atrás seria algo inimaginável, o esforço do Movimento Estudantil para reagir às diversas arbitrariedades e tentativas de retrocessos, bem como ameaças aos direitos fundamentais, embora extremamente legítimo e pioneiro, tenta-se rearticular mas encontra dificuldades, sem apoio da sociedade. Na contemporaneidade, os estudantes universitários através dos seus movimentos organizados, apenas têm buscado defender as pautas que considero extremamente progressistas. Compreendo que tais pautas sejam recorrentes por conta da inclusão de novos estudantes de minorias através do sistema de cotas, entretanto não as únicas, nem tampouco demonstram fazer parte de um planejamento estratégico.

2. GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

3. É uma modalidade historiográfica que privilegia os modos de pensar e de sentir dos indivíduos de uma mesma época, teve como precursor o historiador francês Lucien Febvre.

Somos agentes plurisociais, com sensibilidade as várias pautas, não só relacionadas a educação, dessa forma não há problema na interação entre os partidos políticos e o Movimento Estudantil, muito pelo contrário, pois hoje são os partidos de esquerda que têm representado diversas bandeiras dos grupos minoritários. Então é preciso ter cuidado em condenar essa junção com os partidos políticos, com algumas ressalvas muito importantes, principalmente a de que os estudantes não podem estar a serviço partidário, e esse é ao meu ver o maior equívoco dentro dessa temática. Compreendo que eles possuem papéis complementares entre si, de mútua colaboração.

Nesse contexto de entender as novas configurações dos movimentos sociais cabe o seguinte questionamento que norteou essa comunicação: Há uma desarticulação ou uma nova forma de articulação adaptada aos novos interesses referentes aos cursos e assuntos intimamente ligados a vida universitária, vistos que muitos direitos foram alcançados? Obviamente são questões que carecem de maior aprofundamento teórico e epistemológico, sendo esse o primeiro passo para sistematizar essa temática.

Entretanto o que se pode afirmar até aqui, o Movimento Estudantil preferiu se voltar para as questões mais específicas da vida acadêmica, talvez porque em sua gênese ele não se propôs a pensar na qualidade da estrutura das universidades, deixando as outras pautas mais abrangentes para a custódia dos outros movimentos sociais e partidos políticos? Dentro do laboratório de observação, constatei que o maior problema nesse embate é que tem integrantes do movimento que vivenciam os dois contextos de forma muito intensa, e por isso não sabem como equilibrar ambas atuações. Inevitavelmente ne “quebra de braços” os interesses partidários quase sempre prevalecem. É nesse sentido que a filosofia alemã em Hegel atinge seu ápice de confluência, pois se fizermos o exercício hermenêutico dentro dessa temática, apreender-se-á que do ponto de vista teórico os equívocos cometidos pelo movimento foram e ainda são de extrema importância para as mudanças, a autocrítica e os consequentes ajustes sejam feitos, como uma espécie de soma entre as parte para produzir uma nova síntese, a partir da tese (trajetória até aqui) *versus* a antítese (problemas e equívocos identificados no percurso).

Por fim, é possível afirmar que os indivíduos que acreditam na desarticulação do Movimento Estudantil, não conseguem entender que o papel dele é misto, como na década de 60 que o movimento era a grande mãe salvaguardadora das lutas históricas em defesa dos direitos e garantias constitucionais. Dessa forma justifico o título desse ensaio, no qual enxergo que atualmente o Movimento Estudantil segue paralisado sem a altivez de outrora e extremamente limitado ideologicamente.

O movimento estudantil atingiu um alto nível de organização em 1968, tendo a partir dessa época sofrido um processo de desarticulação, sobretudo a partir da

chamada “queda de Ibiúna”, com a prisão das principais lideranças do movimento estudantil no XXX Congresso da UNE, realizado em 1968 na cidade de Ibiúna-SP. Essa desarticulação se agravou, principalmente, depois do Ato Institucional n.º 5 (AI-5), em dezembro de 1968, e do Decreto-Lei n.º 477, de fevereiro de 1969. O primeiro, dentre outras coisas, suspendia todas as garantias constitucionais e individuais e desencadeava uma violenta campanha repressiva; e o segundo, proibia toda e qualquer manifestação política ou de protesto no interior dos estabelecimentos de ensino públicos ou particulares.

De acordo com Pellicciotta (1997), a década de 70 se caracterizou, inicialmente, por uma série de movimentações de resistência e, posteriormente, pela recomposição das organizações estudantis seguindo uma certa estrutura hierárquica - primeiro os DCEs, depois as UEEs e, por fim, a UNE, em 1979. Nesta década, o movimento estudantil assumiu, principalmente a partir de 1977, importante papel na luta pela anistia e pelas “Liberdades Democráticas”. No entanto, segundo Cavalari (1987), o movimento estudantil, na década de 70, apresentava certos limites, ou seja, encontravam-se, presentes no movimento, algumas contradições e ambigüidades. Dentre outras coisas, pode-se citar, como exemplo, as duas reivindicações concomitantes que aconteceram na época: a defesa do ensino público e gratuito e verbas para as instituições particulares. Apresentava, ainda, limites, principalmente por refletir os interesses da classe social a qual pertencia – a pequena burguesia que, por sua vez, só estava interessada em ampliar seu processo de ascensão, o que também é apontado por Foracchi (1977).

Mesmo considerando que o movimento estudantil tivesse sérias limitações, não podemos deixar de reconhecer sua importância enquanto força política organizada nas décadas de 60 e 70, principalmente pelo fato de sua atuação se dar em um momento histórico de grande violência e repressão. Apesar de a UNE ter sido reconstruída em 1979, o movimento estudantil, nesta época, já começava a apresentar sinais de declínio e, desde então, assistimos a uma crescente despreocupação e desarticulação dos estudantes. No entanto, quase sempre, quando pensamos em Movimento Estudantil nos vêm à cabeça as grandes manifestações do final da década de 60 e início da década de 70, quando os estudantes lutavam contra a Ditadura Militar.

Isso acontece com a maioria das pessoas, afinal, o Movimento Estudantil das décadas de 60 e 70 acabou se tornando um mito e modelo a ser seguido. No entanto, sabemos que o novo contexto não comporta mais esse modelo de movimento, que só se caracterizou como tal num determinado momento histórico em que a situação política e econômica do país oprimia e, ao mesmo, tempo, impelia os jovens a lutarem contra as arbitrariedades do regime militar. Frente a isso, uma grande questão surge: O que aconteceu com o Movimento Estudantil nas décadas

de 80 e 90? Por que ele se tornou tão fragmentado e desarticulado? Por que as organizações estudantis, na atualidade, estão quase sempre, tão ligadas a partidos políticos, deixando de lado seus interesses para assumir os interesses do partido ao qual se aliou? Neste artigo tentarei esboçar algumas hipóteses explicativas para responder a essa questão.

Para levantar tais hipóteses, foi realizada uma pesquisa de natureza bibliográfica no acervo sobre o Movimento Estudantil, Edgard Leuenroth, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da UNICAMP. O levantamento de todos os documentos produzidos sobre o movimento estudantil nas décadas de 80 e 90, mostrou grandes lacunas que, ao meu ver, poderiam ter dois significados: a despreocupação dos estudantes com os registros ou a desarticulação do movimento estudantil. Procedi, ainda, ao levantamento da bibliografia sobre o Movimento Estudantil nas décadas de 60 e 70, as quais tive como referência e a bibliografia sobre o movimento estudantil nas décadas de 80 e 90 (que era muito escassa), bem como os documentos produzidos pelo movimento nos últimos anos. Com isso, posso dizer que busquei entender as décadas de 60 e 70 e a situação do Movimento Estudantil atual para identificar as causas das lacunas encontradas nas décadas de 80 e 90.

O Movimento Estudantil na década de 80 já iniciou com o movimento já muito debilitado. Muito pouco sobrou do movimento da década de 60 e da de 70. Cabe lembrar, porém, que os contextos históricos e políticos também eram extremamente diferentes. O regime militar só veio findar em 1985, mas já no início da década de 80 não se apresentava da mesma forma como fora em 60 e também em 70, tão violento e repressivo. No entanto, a época em que a violência atingiu seu ápice deixou marcas profundas. Segundo Corraldi (1986, In: SOUZA, 1999), foi o medo que trouxe a despolitização, a redução das atividades associativas, o apoio à privatização da economia, a adoção de estratégias egoístas de sobrevivência, a competição e a especulação.

Em meados da década de 80, a abertura política já estava traçada para uma geração seguinte, que carregava as marcas de uma sociabilidade fragmentada e repleta de inseguranças decorrente do autoritarismo do regime militar. Segundo Sousa (1999), pesquisas sobre os regimes políticos latino-americanos demonstram que o autoritarismo desencadeou uma brutalidade em todos os níveis da vida social, até mesmo em suas microrrelações. A constituição do público sob este princípio disseminou o individualismo e a falta de solidariedade na vida cotidiana.

SOB AS LENTES DE UM SECUNDARISTA QUE VIU, OUVIU E VIVEU

“Será que ainda há possibilidade de se fazer um movimento estudantil com estudantes conscientes e politizados? Estará a utopia eternamente sepa rada da política? E entre estudantes comunistas, ou politiqueros, ou apáticos, ou utópicos, aliena dos, festivos, etc. o que efetivamente poderia ser mudado com tal movimento? Estará a nossa geração Coca-Cola disposta a batalhar por uma utopia ou ideal em prol de sua sociedade, ou ainda, apenas de si mesma? ...” (Ibidem)

Como pertencente a esta corrente que embora enfraquecida, tenha sua importância no contexto educacional e cultural, sob o ponto de vista democrático. Criticava, ainda, a forma de organização da UNE, apresentando uma nova tese para a diretoria da entidade, como saída aos impasses vividos pelo movimento estudantil.

PAUTAS HISTÓRICAS

Enquanto líder de agremiação em Ilhéus, fiz parte da **UMES** (União Municipal dos Estudantes Secundaristas), e nossas pautas eram diversas e contundentes, visando melhoramento da qualidade da educação, e para isso, se fazia necessário em nosso entendimento, a mudança nas estruturas gerais operadas na educação básica, bem como na formação geral. Dessa forma, lutávamos veementemente pela qualidade da merenda escolar, pois acreditávamos que sem alimentação adequada seria mais difícil manter concentração para um aprendizado efetivo, além disso, era de conhecimento dos alunos, que muitos dos nossos colegas só conseguiam se alimentar apenas uma vez ao dia, justamente no período escolar.

A segunda pauta histórica foi a defesa do Ensino Integral, para que os alunos tivessem aulas e reforço escolar todos os dias, e dentro desse escopo, alimentação digna. Considero o ensino integral uma das maiores vitórias do movimento, pois hoje o número cresceu exponencialmente, e as experiências têm sido exitosas. A terceira foi a democratização escolar, com nossa conquista de viabilizar eleições diretas para direção escolar. Dessa forma, a comunidade escolar obteve maior participação no processo eleitoral, pois todos os seguimentos, desde pais aos zeladores, agora podem votar e escolher os seus representantes. A quarta foi a defesa do passe-livre nos transportes coletivos, que embora não tenha sido alcançada em sua totalidade, a meia passagem é das mais emblemáticas conquistas do grupo.

Ao unir esforços com o movimento estadual, a defesa pelas cotas universitárias, culminância dos debates internos sobre a natureza de sua composição, fruto da polarização entre cotas sociais/raciais), ainda é objeto de constantes discordâncias na base. Mas se constitui em inegável importância para a diminuição das desigualdades no acesso às universidades públicas no país

inteiro. E nesse aspecto, é preciso reconhecer a importância e relevância do campo partidário para que tamanho sonho do movimento fosse transformado em projeto de lei 73/1999. Segunda conquista foi a instituição da Lei 12.933 que dispões do benefício do pagamento de meia-entrada, não só para estudantes, mas também para idosos e jovens com comprovada carência financeira. Por fim, uma importante bandeira foi e continua sendo o empoderamento feminino, a começar pelo próprio movimento estudantil, ao dar mais espaço de atuação para a mulheres, e mais tarde no âmbito político partidário ao priorizar a inclusão nos espaços de poder.

Veja-se:

... há um grande fosso entre a UNE e os estudantes, que se aprofundou muito depois do Congresso de São José dos Campos. Portanto, para definirmos nosso projeto, precisamos trabalhar para reaproximar da UNE todos os estudantes que trabalhem organizados em entidades ou não (movimento cultural, social, ...). (...) Está dada a necessidade de uma entidade nacional que represente, de fato, os estudantes, nas suas mais diferentes e legítimas formas de expressões.

O potencial que esta entidade tem de crescimento, de criação, de trabalho, de expressão é imenso.

Mas toda essa crise e indefinição traz em si um questionamento que precisamos encarar de frente: o que queremos da UNE? (Ibidem)

Ainda nesse documento são propostas alterações na organização da UNE, visando, segundo o texto, a reaproximar os estudantes da entidade, a resgatar seu caráter democrático e de luta, a interferir na Universidade de modo a colocá-la voltada aos interesses da maioria da população e a dar transparência às atividades da UNE.

Como pode ser observado pelos documentos analisados, a desarticulação do movimento estudantil após 84 era sentida até mesmo pelos próprios estudantes que viveram essa época, reconhecendo, algumas vezes, seus limites e erros cometidos. No entanto, esses estudantes ainda eram minoria.

O Movimento Estudantil na década de 90 para muitas pessoas, o ano de 1992 parece ter sido um importante exemplo da reaproximação efetiva dos jovens da

política, através da participação no processo de impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, incluindo a participação dos jovens em uma das maiores manifestações políticas da história do país. Em todas as capitais houve protestos contra a corrupção, pela ética e a favor do impeachment. O movimento estudantil parecia ressurgir, no entanto, com características muito diferentes do movimento das décadas anteriores. Apesar de ainda ser comparado às décadas de 60 e 70, várias características os diferenciam.

Nesses períodos, os estudantes enfrentavam uma ditadura militar altamente repressiva e violenta. Na década de 90, os estudantes encontravam, geralmente, nas ruas a aceitação do seu protesto, e as forças policiais agora os protegiam, organizando o trânsito para as suas manifestações. Ao contrário do movimento estudantil de 20 anos atrás, os Estudantes pareciam ter ganho a simpatia da grande maioria da população, dando margem à participação de outros setores que aderiram ao movimento pró impeachment. As passeatas lideradas tanto por estudantes secundaristas como universitários eram caracterizadas por um misto de repúdio, saudosismo e irreverência, ao som de músicas que mobilizaram os estudantes em anos anteriores e também levando faixas que continham críticas ferozes ao presidente e seus assessores diretos. Os rostos foram pintados, num gesto simbólico, com as cores verde e amarela, ficando essas manifestações conhecidas como o “movimento dos cara-pintadas”(SOUZA, 1999, p.53).

Tudo isso remetia a pensar que o Brasil contava com o renascimento político do movimento estudantil, mas isso não aconteceu de fato, visto que essas manifestações foram episódicas, caracterizando alguns momentos de euforia coletiva sem muita articulação sólida de sustentação, ou ainda, sem perspectiva de se manter como forma organizativa mais permanente ou como eventual possibilidade de interferência histórica nos processos que se seguiriam. De acordo com Sousa (1999), os estudantes, assim como a juventude no geral, não pareciam querer se envolver mais efetivamente com questões políticas e sociais, estavam muito influenciados pelo espírito individualista da sociedade, não vendo espaço para esse tipo de participação, pois agora seus interesses pareciam ser outros, como a carreiraprofissional e sua inserção no mercado.

Essa mesma autora ainda faz a seguinte referência aos jovens nesse período: A geração indefinida, chamada pela mídia de geração X, que é uma parte desse segmento de jovens, começa a se definir na relação com a tecnologia. As maiores evidências, no entanto, estão no campo cultural, na linguagem direta da música. Veja-se, por exemplo, a “cultura clubber”, em que a música tecno substitui, pela batida do som forte e excitante, a dificuldade de comunicação entre os jovens. Eles se unem em torno dessa música, que adquire contornos de cultura “underground dos anos 90”, estimulando a sensação de pertencimento a um grupo ou núcleo, a

um “nós”, por intermédio da condição de um individualismo coletivo.

Parece impossível reagir ao autoritarismo, que obriga tudo a se uniformizar, aproximando as pessoas, os jovens, a ponto de criar, em qualquer parte do mundo. A (des)articulação do movimento estudantil:(décadas de 80 e 90) pessoas, os jovens, a ponto de criar, em qualquer parte do mundo, e ao mesmo tempo, uma só necessidade, bastando estar “conectado” (SOUZA, 1999, p.54-55).

Os documentos encontrados sobre o movimento estudantil na década de 90 são escassos, e quase sempre se resumem em jornais de centros acadêmicos. Novamente aqui, pode-se perguntar pelas razões responsáveis por essa “lacuna”: desorganização e ausência da preocupação com os registros ou ausência do movimento nessa época? Independente da razão responsável, o que fica claro, pelos poucos documentos encontrados, é que o movimento estudantil, nessa época, assumiu características bem diferentes do movimento das décadas de 60 e 70. Devido à diferença do contexto sócio econômico, como já foi mencionado, pode-se notar que as preocupações estudantis estavam mais individualizadas. Os estudantes envolviam-se, com menos frequência, em questões de ordem política. As discussões passaram a girar mais em torno de questões específicas dos cursos. Um exemplo disso, pode ser dado com o jornal “A cachaça operária”, do Centro Acadêmico de Ciências Humanas, da UNICAMP que, em 92, no início das críticas ao atual presidente Fernando Collor de Melo, limitava-se a apresentar eventos culturais, discussões específicas da área de História e, em um texto apenas, uma crítica ao presidente Collor. Essa crítica ocorre de maneira equivocada, pois ao invés de argumentos de natureza política, apela para xingamentos e agressões, resumida na seguinte frase “Collor: você já encheu o saco!” (A Cachaça Operária, mar/92. s/p.). Como já foi apontado, em 92, durante o movimento pró-impeachment, do presidente Fernando Collor de Melo, os estudantes vão às ruas juntamente com outros setores da sociedade. No entanto, a ênfase é dada mais sobre os estudantes quando se aborda esse episódio. Isso talvez se deva, segundo Mattos (1993), ao estranhamento das pessoas em ver os jovens nas ruas no mês de agosto de 1992, protestando contra a corrupção no governo, visto que o país acostumou-se a ver os jovens sob os tetos de shopping centers.

Sobre o movimento dos caras - pintadas, esse autor ainda afirma: O que ficou de concreto, é que os jovens quebraram uma letargia de 20 anos e arrancaram a classe média de uma submissão fatalista na qual estava submetida. (...) Os “carapintadas” lotaram praças e ruas, empunhando faixas de todas as cores, gritando slogans e palavras de ordem, não muito criativas, mas marcadas pela irreverência. Os filhos da geração que em 1968 foi reprimida duramente pelo regime militar fazem hoje seu protesto de forma mais livre e alegre, numa salada de tendências composta por bandeiras e camisetas que vão do PC do B ao PDS. (MATTOS, 1993, p. 79).

Ainda, segundo Mattos, o que aconteceu durante as manifestações pró-impeachment foi, “uma fusão entre os espíritos de duas épocas: as grandes manifestações de massa de cunho político, típicas dos anos 60 e 70, se realizaram com a diversidade cultural e estética dos anos 80 e 90” (1993, p.80). Rodrigues (1992) afirma que, apesar da importância do movimento dos “caras pintadas”, este não pode ser compreendido como um indicativo do renascimento do movimento estudantil na década de 90. De acordo com esse autor, o contexto da época era pouco favorável às manifestações de rua e uma das razões responsáveis por essa situação era o fato de o país encontrar-se na vigência do regime democrático com o pleno funcionamento das instituições políticas e de Imprensa. Veja-se: Nada indica que o contexto que caracterizou a década de 60 venha a se reproduzir.

Essa afirmação não exclui alguma forma de manifestação estudantil, em particular, e da sociedade civil, em geral. Mas é preciso considerar que atualmente as instituições mais adequadas para o trato das questões políticas, como o Congresso e os partidos, estão funcionando. Além disso, a imprensa ocupa um espaço grande como fator de crítica e vigilância dos atos do poder. A democracia política, por outro lado, permite que os estudantes enquanto eleitores, possam expressar a sua opinião no momento do voto.

Provavelmente, essa é uma das razões pelas quais as mobilizações de rua contra a corrupção têm sido tão escassas. (RODRIGUES, 1992, p.3).

É importante destacar ainda que os estudantes, durante as manifestações contra o governo Collor, não estavam sozinhos, constituindo-se parte de uma ampla mobilização da sociedade civil e política e contando com o apoio dessas. Segundo Mische, nesse clima, a participação entusiasmada dos jovens nas passeatas pelo impeachment – organizadas pelas entidades estudantis, apoiados pelos partidos e entidades civis, e divulgados pela grande imprensa – não pode ser chamada de ‘independente’ ou “espontânea”, pois eles receberam amplas formas de apoio oficial e não-oficial ... (1997, p. 47).

Após o movimento pró-impeachment, o movimento estudantil parecia ter desaparecido. Poucas foram as manifestações e lutas. Apresenta-se novamente uma grande lacuna, que só deixará registros novamente a partir de 99, visto que são poucos os documentos encontrados até 99. Quando encontrados, estes referem-se apenas à questões culturais, eventos científicos, discussões específicas de área.

À época das grandes manifestações organizadas por nós secundaristas, com parceria dos colegas universitários, não tínhamos visão macro para entender o movimento para além dele mesmo, só com o tempo e o afastamento é que se foi constatando e internalizando que o movimento estudantil como um todo, fazia parte de um projeto muito maior do que ele próprio. Todas as vezes que fomos para as ruas dessa nação, estávamos inicialmente inconscientemente a serviço do projeto

político dos partidos de esquerda, historicamente aliados do poder executivo, e com tímida bancada no legislativo. Esclareço de pronto, que não enxergo nisso uma grande problemática epistemológica, entretanto, defendo inexoravelmente que em todo e qualquer projeto no qual estejamos inseridos, seja qual for sua natureza, tenhamos consciência do nosso real papel nele, para que saibamos a importância e responsabilidade da bandeira que se propõe a levantar.

REFERÊNCIAS

ASMAR, S. R. **Sociologia da microrregião cacaueira**. Itabuna: Itagrafe, 1983.

BALLARDINI, S. A. Córdoba, “Cordobazo” e depois. Mutações do movimento juvenil na Argentina. In: **Movimentos Juvenis: da globalização à antiglobalização**. (Org.) Carles Feixa, Carmen Costa e Joan Saura. Barcelona. Editora Ariel, 2002.

BARROS, José d’Assunção. **Projeto de Pesquisa em História**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

FARIA, Vanderlei. **Pacote de Abril**. Disponível em: [Dttp://www.historiabrasileira.com/ditadura-militar/pacote-de-abril/](http://www.historiabrasileira.com/ditadura-militar/pacote-de-abril/); Acesso em 15 jul. 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**. 6. ed. Curitiba: Posigraf, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios**. Petrópolis: Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

ZAIDAN FILHO, Michel; MACHADO, Otávio Luiz. **Movimento Estudantil brasileiro e a educação superior**. Recife: Editora Universitária (UFPE), 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. 6. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FORACCHI, Marialice M. **O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

HOBSBAWN, Eric J. **Sobre História**. São Paulo: Schwartz, 2000. MARTINS, Carlos Benedito. **“O público e o privado na educação brasileira nos anos 80”**, in: Cadernos CEDES (25). Campinas: Papyrus, 1991.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. Movimento Estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 66, Outubro 2003: 117-149.

MELUCCI, A. “Juventude, tempo e movimentos sociais”. **Revista Brasileira de Educação**. S. Paulo: ANPED, 1997.

OLIVEIRA, Caio Pinheiro. **Os estudantes no processo de estadualização da FESPI: do privado ao público 1980-1988**. Monografia apresentada a Universidade Estadual de Santa Cruz, Curso de História, 2003.

POERNER, Artur José. **O Poder Jovem**: História da participação política dos estudantes **brasileiros**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SANTOS, Raimundo *et al.* **Processo de estadualização da FESPI**. Trabalho [graduação] - Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna, Ilhéus, BA, 1991.

RENATO, Cancian. **Movimento estudantil e repressão política**. São Paulo: UFSCar, 2005.

ROCHA, Lurdes Bertol. **A região cacauzeira da Bahia – dos coronéis à vassoura-de-bruxa**: saga, percepção, representação – Ilhéus: Editus, 2008. SANTANA, Judith Sena da Silva;

NASCIMENTO, Maria Ângela Alves do. **Pesquisa. Métodos e técnicas de conhecimento da realidade social**, UEFS, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81

Análise dialógica do discurso 10, 11, 12, 233

Aprendizado 5, 25, 48, 70, 73, 106, 126, 127, 129, 173, 187, 220, 285

Aprendizagem 2, 5, 6, 11, 13, 15, 21, 24, 37, 38, 39, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 53, 55, 56, 57, 58, 67, 69, 71, 72, 80, 84, 87, 88, 92, 93, 98, 99, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 116, 118, 121, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 134, 140, 163, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 211, 213, 214, 218, 224, 225, 227, 230, 231, 246, 256

Atividade física 98, 99, 100

Autonomia universitária 59

AVA 42

Avaliação 17, 19, 20, 22, 24, 42, 45, 46, 53, 54, 57, 72, 96, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 133, 134, 136, 138, 139, 145, 146, 147, 149, 174, 194, 195, 196, 204, 205, 206, 207, 222, 223, 225, 230, 233, 238, 246, 248, 257, 285

Avaliação da aprendizagem 106, 112, 246

B

Biografia 19, 20, 27, 59, 63

C

Capacitação 86, 142, 143, 144, 152, 227

Cérebro 126, 127, 129, 130

CITECS 142, 143, 144, 145, 147

Cognitivo 23, 25, 126, 128, 129, 130, 215, 277

Competências 5, 45, 84, 85, 92, 96, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 124, 129, 142, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 226, 228, 229, 230, 234, 237, 238, 240

Compreensão de leitura 246

Conhecimento 11, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 31, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 58, 71, 74, 83, 84, 85, 91, 92, 93, 95, 103, 106, 117, 118, 119, 120, 122, 129, 133, 134, 140, 143, 147, 153, 161, 168, 178, 187, 193, 208, 209, 210, 212, 213, 215, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 227, 231, 234, 238, 241, 251, 256, 271, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286

Coordenação pedagógica 38, 39, 47, 131, 133, 135, 138, 139, 140, 176, 228

Criatividade 6, 24, 99, 146, 164, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 210, 218, 226

Currículo 4, 13, 29, 44, 57, 78, 83, 86, 93, 100, 102, 103, 104, 105, 113, 137, 171, 177

D

Desenvolvimento 5, 6, 11, 14, 17, 23, 24, 25, 26, 29, 31, 32, 35, 37, 38, 42, 43, 45, 46, 52, 53, 55, 56, 57, 62, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 81, 84, 85, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 102, 106, 107, 108, 109, 111, 117, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 134, 137, 139, 142, 143, 144, 147, 148, 151, 155, 157, 160, 162, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 213, 216, 222, 226, 227, 230, 231, 243, 246, 247, 253, 265, 266, 268, 270, 274, 276, 279, 287

Dialogismo 233, 234, 238, 259

E

Educação básica 4, 10, 31, 40, 42, 47, 55, 88, 89, 90, 94, 95, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 170, 187, 232, 240, 243, 287

Educação científica 95, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 124, 125

Educação criativa 171

Educação de jovens e adultos 28, 29, 34, 40, 41, 97

Educação democrática 1, 163

Educação do campo 98, 100, 158

Educação Infantil 44, 46, 47, 56, 57, 112, 130, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 166, 167, 168, 170

Educação infantil do campo 155, 158, 161, 170

Educação musical 276, 285

Educação profissional 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97

Empreendedores 86, 142, 143, 144, 145, 147

Ensino fundamental 9, 27, 44, 46, 47, 56, 84, 88, 90, 95, 100, 102, 103, 104, 112, 117, 125, 130, 163, 177, 179, 180, 209, 211, 222, 246, 247, 257

Ensino médio integrado 83, 84, 85, 86, 88, 89, 92, 93, 95, 96

Escrita 12, 17, 20, 24, 26, 78, 108, 118, 120, 121, 124, 127, 132, 139, 149, 159, 177, 178, 210, 213, 217, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 235, 236, 237, 239, 248, 250, 256, 258, 259, 286

Especialização 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 151

F

Formação continuada 27, 28, 29, 31, 32, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 88, 92, 93, 96, 136, 139

Formação de gestores 28, 91

Formação de professores 42, 44, 53, 57, 58, 73, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 95, 96, 114, 116, 117, 125, 224, 287

G

Gênero discursivo 233, 234, 236, 237

Gestão democrática 28, 29

H

Hábitos culturais 194, 195, 196, 197, 198, 199, 205, 206, 207, 208

Habitus professoral 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82

Hegemonias 1, 2

História da educação 73

I

Improvisação 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 274

Inclusão social 65, 71, 118, 119, 177

Iniciação científica 114, 115, 116, 117, 119, 120, 123, 124, 125, 134

J

Jazz 265, 266, 267, 268, 269, 272, 273, 274, 275

Jovens estudantes 194, 195, 198, 199, 205, 206, 207, 208

L

Leitura 11, 17, 20, 21, 22, 36, 55, 77, 108, 121, 127, 149, 159, 177, 198, 199, 206, 207, 216, 219, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 234, 239, 240, 243, 246, 247, 248, 251, 252, 253, 256, 257, 264

Lirismo 258, 262, 263

Literatura Alagoana 258, 259

M

Música popular improvisada 265, 274, 275

O

Oficinas 50, 80, 226, 228, 230

P

Pedagogia da autonomia 1, 5, 8

Pedagogia histórico-crítica 10, 11, 12, 27

Percepção 6, 18, 20, 21, 25, 66, 68, 100, 114, 122, 123, 124, 125, 149, 173, 193, 197, 220, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 285, 286

Performance 115, 246, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 274

Poesia 24, 216, 258, 259, 260, 264

Prática esportiva 64, 65, 67, 68, 71

Práticas escolares 1, 8, 44

Práticas pedagógicas 3, 4, 42, 44, 58, 78, 169, 171, 173, 175, 176, 177, 178

Processo criativo 171, 172, 173, 176, 177

Produção textual 227, 228, 230, 231, 233, 234, 237, 244, 245, 256

Psicanálise 131, 132, 135, 136, 137, 139, 141

R

Redemocratização 59, 60

Reescrita 24, 226, 228, 231

S

Saúde 33, 41, 62, 68, 98, 99, 100, 101, 109, 116, 124, 132, 135, 136, 139, 152, 162, 213, 214, 272

Storytelling 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275

T

Teste *cloze* 246, 248, 249, 254, 257

TIC 42, 43, 44, 45, 55, 57

Trajetórias escolares 114

V

Vínculos sociais 155

Voleibol 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72

A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

4

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

4

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 